



Os alunos da escola classe da 316 sul fizeram uma manifestação singela em frente ao Palácio do Buriti, reivindicando condições para estudar

# Procura-se uma escola classe para 600 crianças itinerantes

*Professores, pais e alunos suspendem aulas na 316 Sul e protestam contra os improvisos do governo para driblar a falta de salas*

Cristine Gentil  
Da equipe do **Correio**

**I**greja, quartel e biblioteca. São essas as opções oferecidas pela Fundação Educacional para acomodar os 600 alunos da escola classe da 316 sul, que está em reforma desde o ano passado. Na manhã de ontem, alunos, pais e professores protestaram em frente ao Palácio do Buriti. E decidiram parar as aulas até que a Fundação consiga salas definitivas para os estudantes.

O gramado em frente ao Buriti parecia um pátio de recreio. As crianças — que junto com seus pais e professores formaram um grupo de aproximadamente 40 pessoas — corriam de um lado para o outro, brincavam e abriam os cartazes para chamar a atenção dos motoristas, que respondiam com buzinas. “Viemos aqui para pedir a nossa

escola de volta para aquele homem dali”, explicou Keila Roldão, oito anos, aluna da 3ª série, apontando para o Buriti e referindo-se ao governador e professor Cristovam Buarque.

Mas quem recebeu uma comissão da escola para ouvir as queixas dos pais e professores foi o secretário-adjunto de Educação, Paulo Valle. “Viemos pressionar para que a reforma da escola termine logo e para que até lá a Fundação consiga salas apropriadas para os alunos”, disse Lúcia Helena Alencastro, mãe de Gabriela, da 3ª série, uma das turmas mais prejudicadas pelo atraso na reforma da escola.

A reforma da escola começou em novembro do ano passado. O término da obra estava previsto para o início do ano letivo. De acordo com os pais, um dos repasses da Fundação para a empreiteira responsável pela obra atrasou. O resultado foi

a paralisação da reforma, que só deve terminar em abril, se não houver mais nenhum atraso nos pagamentos.

A diretoria da escola conseguiu acomodar sete das 10 turmas em salas da Igreja Presbiteriana, entre a 313 e 314 sul, que cedeu o espaço. As outras turmas ficaram por sete dias nas salas da escola parque da 316 sul, mas agora terão que sair de lá. “A escola parque está precisando de suas salas e quer colocar as crianças na biblioteca, que não tem quadro negro, isolamento acústico e qualquer condição de estudo”, reclamou Maria Cristina Oliveira, mãe de Iara, 3ª série.

“Como é que a Fundação consegue um local para as crianças por apenas sete dias?”, reforça a professora Eunice Bandeira. “Os alunos também estão sem lanche. Estamos cansados de ter que dar um jeitinho em tudo. Queremos uma solução definitiva”, continuou.

A alternativa oferecida pela

Fundação antes do protesto, segundo os pais e professores, foi um espaço dentro do 1º batalhão da Polícia Militar. “É um local cheio de placas de interdição, que não tem nenhuma condição de abrigar crianças”, disse Lúcia Helena.

Em solidariedade às três turmas que ficaram sem salas, todos os alunos da escola aderiram à paralisação. A comissão saiu da reunião sem uma solução definitiva para o problema. O secretário Paulo Valle informou, no início da tarde, que já estava em contato com a Secretaria de Segurança Pública para tentar novamente alojar os estudantes nas salas do 1º batalhão. “Providenciaremos um ônibus para levar as crianças da 316 para a academia todos os dias”, disse ele.

Outra opção, segundo Paulo Valle, é entrar em acordo com a Escola Parque da 314/315 Sul. “Estamos buscando uma solução para o problema desde fevereiro”, garantiu ele.

